



umanitas

69

*IN MEMORIAM***MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA  
PARADIGMA DE CIDADÃ E DE DEDICAÇÃO AO ENSINO E À  
CULTURA**

Há exemplos que marcam profundamente, que se fixam e permanecem indelévels. O da Prof. Doutora Maria Helena da Rocha Pereira é um desses casos. Fala-se nela em qualquer local e as marcas logo brotam nos antigos alunos que por aí habitam ou se encontram. Figura ímpar e cimeira da cultura, não apenas portuguesa, e – porque não acentuá-lo – da ética universitária, ao seu nome logo se lhe associa respeito, estima, apreço, saber, rigor, elevado comportamento ético e académico.

Natural do Porto, onde nasce em 3 de Setembro de 1925, filha de um conceituado Professor da Faculdade de Medicina dessa cidade e seu Diretor, o Doutor Alfredo da Rocha Pereira, concluiu o ensino Secundário no Liceu Carolina Michaelis e em seguida matricula-se em Coimbra, onde decorre todo o seu percurso académico (licenciatura em 1947, doutoramento em 1956 e professora catedrática desde 1964). E, como era habitual na altura, faz os estudos preparatórios para o Doutoramento em Oxford – uma deslocação que muito lhe custou, sabendo-se quanto era ligada à família. Em Oxford foi discípula de grandes mestres (E. R. Dodds, Sir John Beazley, Ed. Fraenkel, W. S. Barrett, R. Pfeiffer) e de onde traz metodologias que aplica ao ensino e à investigação, com abertura de novos caminhos que deixam marcas profundas nos estudos clássicos, sem se restringirem porém unicamente a esse domínio.

Primeira mulher a obter o grau de Doutoramento na Universidade de Coimbra, não foi fácil a sua entrada no quadro de docentes da Faculdade de Letras nem a sua carreira académica isenta de dificuldades e resistências. Impôs-se, porém, pelo seu saber, magistério, postura moral, dedicação... Acaba por se tornar um dos mais conceituados e distintos professores

universitários portugueses, que na Escola deixa cunho indelével da sua acção e presença – uma influência benéfica que se estende a Portugal inteiro e a que não são indiferentes outros países, como o provam as diversas academias e associações estrangeiras que a acolheram.

São áreas principais da investigação de Maria Helena da Rocha Pereira a literatura grega, a cultura grega e romana, a arte grega, em particular a pintura de vasos – muitas colecções existentes em Portugal são dadas a conhecer graças ao seu estudo – e o latim medieval. Neste último domínio, estudou e traduziu as vidas de figuras que têm, algumas delas, percursos comuns à Hispânia: São Rosendo, Santa Senhorinha, S. Teotónio (muito ligado a Coimbra) e, em especial, o médico e filósofo Pedro Hispano, espírito notável e grande figura da cultura do século XIII, que depois se tornaria o Papa João XXI. Merece ainda destaque a edição crítica da obra de Pausânias, *Descrição da Grécia (Graeciae descriptio)*, que é padrão para o autor em causa e que, editada pela Teubner em três volumes, já vai em 2ª edição (1989-1990). Deve ainda ser realçada a sua participação no Conselho Científico do *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*, que é obra de referência para os classicistas do mundo inteiro.

Se a sua especialização se centra nos estudos clássicos, investiga também e produz trabalhos no domínio da literatura e cultura portuguesas. E muitos são os nossos autores, sobretudo no domínio da poesia, que têm merecido a sua atenção esclarecida e sensível, com estudos notáveis: Íncrita Geração (em especial D. Pedro), Camões, António Ferreira, Marquesa de Alorna, Bocage, Camilo, Antero de Quental, Augusto Gil, Fernando Pessoa, José Gomes Ferreira, Miguel Torga, David Mourão Ferreira, Sophia de Mello Breyner Andresen, Eugénio de Andrade, Rui Knópfli, Manuel Alegre, José Augusto Seabra, entre outros.

Trata-se de obra vasta e variada, temporal e tematicamente (crítica textual e edição crítica, ensaio e criação literária, divulgação e tradução, crítica de arte e notícias/comentários), que abrange quase todas as épocas e diversificados domínios da Antiguidade Clássica e que se estende à literatura e cultura portuguesas, da época medieval à contemporânea. Conta com mais de sete centenas de títulos, entre livros e artigos, publicados em Portugal e no estrangeiro, muitos deles conhecendo assinalável difusão por intermédio de sucessivas edições, alguns com dez ou mais. Por exemplo, *Estudos da História da Cultura Clássica* (com volumes dedicados à Grécia e à Roma antiga), a *Hélade* e a *Romana*, antologias da cultura grega e da cultura romana, respectivamente, foram lidos por sucessivas gerações e marcaram

indelevelmente a cultura portuguesa, contribuindo para desenvolver de forma significativa os estudos clássicos em Portugal.

Essa vasta produção científica caracteriza-se por clareza de linhas temáticas na pesquisa, interpretações e conclusões e por fina e vibrátil sensibilidade, que lhe permitem compreender e analisar, com judicioso acerto, homens e acontecimentos, obras e personalidades.

Os seus méritos foram reconhecidos com diversos cargos, nomeações e distinções: Vice-reitora (1970), Directora do Instituto de Estudos Clássicos, Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras (1976 a 1989), Directora das revistas *Biblos* e *Humanitas*; representou a Universidade em muitas associações e realizações científicas e culturais; quase se poderia afirmar que exerceu quase todos os cargos académicos. Entre as distinções e prémios, destaco o doutoramento *honoris causa* pela Universidade de Lisboa (2009), o ter sido agraciada com a Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago de Espada e a obtenção de vários prémios, como Ensaio do Pen Club, Eduardo Lourenço (2005), União Latina (2005), Universidade de Coimbra (2006), Jacinto Prado Coelho (2006), Padre Manuel Antunes (2008), Prémio Vida Literária (2010) da Associação Portuguesa de Escritores – Caixa Geral de Depósitos. Dá também o nome a um prémio, instituído pela Fundação Eng. António de Almeida em sua homenagem, que visa distinguir dissertações de mestrado apresentadas na área dos Estudos Clássicos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Caracterizada por invulgar tenacidade e amor ao trabalho, espírito de iniciativa, entusiasmo e fidelidade a valores, sempre com a segurança e o método a guiar-lhe os passos, sempre os princípios e as normas a moldar-lhe os atos, a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira dedicou toda a sua vida ao serviço da cultura e do ensino – uma opção existencial –, na tentativa de melhor conhecer o homem e a caminhada evolutiva deste através das eras, procurando surpreendê-lo nos primórdios da cultura ocidental, a Grécia antiga, com os seus grandes valores, descobertas e realizações artísticas, e mostrando a sua continuidade e permanência nas culturas posteriores, em especial na portuguesa.

Sem a sua ação, obra e ensino, os Estudos Clássicos em Portugal não seriam hoje os mesmos e estaríamos culturalmente mais pobres. Tal afirmação dá-nos a ideia clara da sua importância no país. E a sua perda não é fácil de contabilizar.

Espírito imbuído de grande curiosidade intelectual e em alerta constante, elegera como norma a atualização permanente, sempre predisposta a aplicar

os novos métodos e teorias, com o judicioso critério e devido rigor. Mas também sempre pronta a partilhar as novidades e a mais recente bibliografia: os seus orientandos e discípulos desde cedo se habituavam ao solícito fornecimento de indicações bibliográficas que regularmente apareciam na gaveta do correio, ou à chamada de atenção para a novidade ou interesse de algum artigo ou livro.

Manifesta plena disponibilidade para acolher e admirar quanto é belo ou obra de arte, quer seja manifestação da Natureza, quer fruto da realização do homem. Da vibração sentida na sua primeira viagem à Grécia, logo nos primeiros anos de licenciada, mostra-o o livro *Imagens da Grécia* que publicou em 1958, com o pseudónimo de Maria Madalena Monteiro.

Na altura de uma deslocação a Macau, onde ao serviço da Faculdade ministra um curso intensivo, prolonga a duração dessa estadia no Oriente, a expensas suas, para realizar uma viagem à China, atraída pelas grandes realizações monumentais desse país – fascinava-a a observação da Grande Muralha da China, da Cidade Proibida –, curiosa também de perscrutar o seu pensamento e sentir. Para Maria Helena da Rocha Pereira, o homem colhe sempre a primazia dos seus interesses.

Por ocasião de estadias em Roma, para participar em congressos, faz longas deslocações em comboio ou de táxi para observar, *in loco* e por si, as obras de arte que a arqueologia ia revelando. Por exemplo, desloca-se de comboio a Régio de Calábria para poder admirar as duas famosas estátuas gregas do século V a. C., descobertas no mar e conhecidas como os “Heróis de Riace”, nome da localidade em que apareceram; de outra vez, vai a Sperlonga para admirar, na Gruta de Tibério, a chamada “Odisseia em mármore”. Em 1991, encontrando-se em Tessalonica numa reunião científica do *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*, viaja até Pela de táxi para visitar o palácio de Vergina e consegue, através de uma arqueóloga conhecida, que o museu e sítio abrissem em dia em que se encontrava encerrado, para ver as últimas descobertas arqueológicas relativas a Filipe II da Macedónia, pai de Alexandre.

Em conclusão, em múltiplos aspectos se afirma a sua estatura de verdadeiro Mestre e se sente o efeito do seu saber: na investigação, no ensino, no amor pela cultura, na dedicação à sua escola, mas também no humanismo, na tolerância, na postura cívica, na abertura aos outros e à Europa, a tudo aquilo que no mundo e no homem é nobre e elevado.

Mestre na plena aceção da palavra a Professora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, quer na ação, quer na obra que produziu. Exemplo que

deixa marcas profundas, se tornou paradigma e, espero, permanecerá indelével. Muito com ela aprendi, e não foi lição de somenos o valor, firmeza e lealdade na amizade que preservou na vida e constituirá sempre o verdadeiro cimento aglutinador da relação entre os homens.

Não queremos que seja última homenagem. Assim, permita-se-me que finalize com um toque pessoal e que à minha pessoa, aos laços e amizade que aos poucos me ligaram à Doutora Maria Helena da Rocha Pereira aplique e adapte – sentimentos que aliás devem ser comuns a muitos outros antigos alunos – as conhecidas e famosas palavras que Eça de Queirós escreveu a respeito de Antero: desde aluno me tornei seu discípulo e me sentei “a escutar, num enlevo, e para sempre assim me conservei” e me conservarei na vida.

José Ribeiro Ferreira  
Professor Jubilado da Universidade de Coimbra